

R. Silvério de Farias

Gadabra–Drabyatylon



Segunda edição revista e ampliada

Distribuição gratuita do autor. Ebook sem fins lucrativos.

Capa:

<http://pixabay.com/pt/noruega-cabana-floresta-%C3%A1rvores-79264/>

1

Os mistérios da mente! Eles estão estreitamente ligados aos mistérios do sobrenatural, não resta a menor dúvida. Contudo os fanáticos e presunçosos do materialismo e os cães de guarda da ortodoxia científica, numa visão egocêntrica, cética, dogmática e por vezes debochada, afirmam e reafirmam que as aparições do outro mundo não passam de cintilações mórbidas de mentes abaladas pela alucinação, pelo delírio ou pela perturbação mental ou loucura mesmo.

Durante muito tempo pesquisei os mistérios sobrenaturais, principalmente as materializações de entidades *não-humanas* no plano físico.

Estudei vários livros ditos proibidos, como o *Necronomicon*; o terrível *Opus Daemoniun*; o *Necrosofia na tradução do monge tibetano Zhemry Svaristus*; o *Liber Logaeth*, entre tantos e tantos outros.

Nas páginas do conhecimento arcano, conheci lugares e divindades extrafísicas, deuses e demônios arcaicos, como o carnicheiro Czuluhtulgramatus, também chamado apenas de Czuluh, um ser meio humanoide e meio polvo; conheci também a lendária Zarkália, nas regiões além das fronteiras esotéricas dos sonhos; conheci o terrível, necrófago e assassino de inocentes chamado Gadabra–Drabyathylon.

É sobre este último que falarei neste meu relato. Estou digitando tudo no notebook, e logo enviarei por correio eletrônico a vários amigos e familiares e principalmente a meu amigo na capital. Meu

amigo se chama Leopoldo Sversh, e ele é advogado e saberá o que fazer por mim.

Estou aqui em meu sótão, na modesta casa em que habito próxima do mar, na assombrada cidade de Maremontes.

Coisas estranhas andaram acontecendo em Maremontes. Uma força prodigiosa foragida dos confins do grande além, eu tenho certeza. Do além ou do... Inferno!

Tudo começou naquela noite de inverno, quando o vento sul e a garoa tornava tudo ainda mais melancólico e sombrio em Maremontes.

Já passava das dez horas da noite quando alguém bateu na porta. Desci a escada em caracol, fui averiguar. Era uma senhora de semblante assustado, visivelmente controlando seu pranto de desespero. Fi-la entrar, cavalheirescamente.

Tratava-se de dona Zulmira de Castro. Na verdade ela estava aterrorizada, quase não conseguia falar.

– Senhor Rogério...Pelo amor de Deus! Em nome de Cristo e seus discípulos! Estou desesperada! E só o senhor pode me ajudar!...Eu sei, e toda Maremontes também, que o senhor pesquisa fatos do sobrenatural, coisas do *outro mundo*, por assim dizer. Rogo-lhe que me ajude Senhor Rogério!...Oh, nobre cavalheiro de Maremontes! Minha filha Jacinta, de 16 anos... Algo se passa com ela, algo muito estranho. Algo terrível, senhor Rogério!... Algo que não é normal. É algo sobrenatural!...Pelo amor de Deus, o senhor é o único que pode me ajudar. Tentei falar com o padre Jeremias, mas ele disse que não faz exorcismos, além de seguir a filosofia do Padre Quevedo, disse que isso não existe e que é um caso para psicólogo ou psiquiatra...

- Bem, cara senhora, não sei se posso garantir que terei a competência necessária para ajudar sua filha, no entanto, estou à sua disposição para o que for preciso. De fato me interessei por esses fenômenos ditos sobrenaturais ou paranormais – falei, acabando de tomar uma dose de conhaque para afugentar o maldito frio do Sul.
- Oh, Deus lhe pague, senhor Rogério! O senhor é minha última esperança! Venha, pois, comigo, por favor!...
- Está bem. Irei pegar minha jaqueta de couro negro, meus óculos escuros e minha maleta especial contendo apetrechos específicos para tais casos.
- Sim, nobre cavalheiro de Maremontes. Eu esperarei o senhor se aprontar. Iremos de táxi, o Valdemar está nos esperando lá fora. Valdemar é o chofer do táxi que me trouxe até sua residência.
- Ótimo. Iremos já, só espere eu tomar um banho rápido e me vestir, certo? Volto já, serei rápido como a morte, cumpre salientar.

2

A casa onde a senhora Zulmira de Castro morava era simples. Ficava no alto de um morro. A chuva cessara, porém com a lama a estrada de chão batido ficara quase como um atoleiro intransponível. Valdemar, bom motorista que era, conseguiu subir, embora com certa dificuldade.

A senhora Castro pagou a corrida ao Valdemar, e este, um negro de feições amistosas, ofereceu-se para ajudar; no fundo queria

presenciar o que eu iria fazer para tentar ajudar a filha da pobre mulher.

A senhora Castro estava empolgada e esperançosa com a minha presença ali, no recinto de sua humilde morada.

– Graças a Deus o senhor aceitou vir. Eu acredito no senhor. Apesar de todos em Maremontes dizerem que o senhor é um tipo excêntrico, um solteirão que acabou enlouquecendo de tanto ler sobre essas coisas do sobrenatural e... Oh, senhor Rogério, desculpe-me, não quis ofender a sua pessoa! Desculpe-me. Mas é o que as pessoas comentam sobre o senhor...

– Ora, não foi nada. Estou acostumado com as fofocas e maledicências de Maremontes. Entendo perfeitamente.

– Bem, então vamos entrar no quarto, senhor Rogério.

Ela abriu a porta do quarto da filha com vagar.

Valdemar viera conosco, logo atrás, os olhos do bondoso negro ficaram esbugalhados.

Ele fez o sinal da cruz ao ver a mocinha sentada na cama. Murmurou assustado:

– Em nome do senhor Jesus, o que é *isso*? O que está havendo com essa menina?

Ali estava ela. Jacinta. Aparentemente possuída por uma força maligna. Estava pálida, tinha olheiras horríveis. Os olhos estavam esgazeados como que num transe onde se pode olhar com os olhos da mente os precipícios pestilentos além das sombras do Inferno. Vez por outra Jacinta vomitava, expelindo um líquido verde, meio fosforescente e insuportavelmente fétido. Também dizia

obscenidades, palavrões terríveis a todos os presentes, sendo que os mais cruéis eram dirigidos à minha pessoa.

– Mãe, sua prostituta velha! Sua vagabunda miserável! Trouxe também um filho da mãe, é? E o estudioso... É esse aí o tal do Rogério, o escritor e celibatário dado a pesquisas esotéricas? Vou gargalhar, mas esse filho de uma cadela não é padre, eu sei. Seu filho da mãe!...Ela é minha, Jacinta é minha. O corpo desta pequena vagabunda é meu. Vou devorar a quenga, por todos os lados e orifícios. Eu, Gadabra–Drabyatylon, voltei mais uma vez para o mundo dos homens, e desta vez escolhi esta virgem, está me ouvindo, senhor Rogério? Vou devorar Jacinta, esta jovem em cujo corpo eu estou “hospedado”. Estou rindo de sua cara e de tudo isso. Você não vai conseguir me tirar de dentro dela. *Vá para o Inferno, seu miserável!* Vai querer bancar o padre e fazer um exorcismo? Não me faça rir, seu filho de uma quenga sem nome!...

A senhora Castro, visivelmente nervosa, pediu desculpas ao Valdemar e a mim pelo linguajar chulo da garota. Eu e Valdemar prontamente entendemos a situação. Era um caso de possessão demoníaca, não havia dúvida. Até mesmo um leigo como Valdemar poderia perceber isso.

Pedi que a senhora Castro e o senhor Valdemar me deixassem a sós com Jacinta. Estava tudo bem, eu trouxera minha valise com meus apetrechos especiais. E eu daria um jeito de arrancar aquela entidade espiritual maligna do interior da jovem Jacinta.

Eles dois se foram e eu fiquei a sós com Jacinta. Sentei-me ao lado da cama. Coloquei a valise na cômoda. Retirei meus óculos escuros, colocando-os no bolso da jaqueta de couro negro que eu trajava.

Jacinta, ou melhor, aquela coisa abominável dentro dela gargalhou de um modo insano e diabólico, e, de cócoras sobre o leito, simplesmente começou a urinar e defecar por alguns instantes, bem à minha frente.

– Você quis ficar sozinho com Jacinta para poder olhar e examinar a vagina dela, não é mesmo, seu filho da mãe? Deseja tocar nos seios dela, não é mesmo, porco hipócrita? Vamos, confesse seu canalha! – disse o demônio ou divindade sinistra dentro de Jacinta, fazendo-a erguer a camisola e mostrar suas partes pudendas, úmidas ainda de urina e fezes. – *Hah!* Ela é minha, cão do lodo da Terra! O corpo de Jacinta é meu! Jacinta agora pertence à Gadabra–Drabyathylon, aquele que rastejou das covas negras das *Montanhas Gargalhantes!* Vou comê-la, *pela frente e por trás!*... E eu continuarei a gargalhar com tudo isto!

Abri a maleta e retirei de dentro o frasco contendo um pouco de água benta que eu pedira uma vez para o padre Jeremias, proibido pela Igreja de praticar ou tentar qualquer tipo de exorcismo.

Gadabra–Drabyathylon, usando as cordas vocais de Jacinta, continuava me insultando:

– Quem você pensa que é seu filho da mãe imprestável?...Confesse, você tem desejos secretos pelo corpo de Jacinta, a vagabundinha que me hospeda... Sua fome por ela parece ser maior que a minha...

Desferi-lhe uma violenta bofetada diante do insulto proferido à minha insigne pessoa, e Jacinta acabou caindo de lado, na cama, mordendo de raiva o travesseiro, babando-se toda como um cão hidrófobo.

Falei:

– Espírito imundo das cloacas do Inferno! Em nome de todas as forças do Amor, em nome de todas as forças de Deus! Cale-se!...Em nome do Cristo todo-poderoso, cale-se!

Abri a tampa do frasco contendo a água benta. Falei:

– Olhe para mim, vagabundo do Inferno! Demônio das fossas libidinosas do grande além!

Deitada de lado, Jacinta virou, sorriu, depois soltou uma gargalhada junto com várias flatulências de um fedor insuportável.

– Sinta o perfume desta vaca, seu miserável! Sinta o perfume do rabo desta piranha!... Eu sei por que você não casou ainda. *Quer todas as mulheres do mundo, seu porco imundo!* Eu só posso gargalhar diante de sua figura patética e lamentável!...

Comecei a respingar várias gotas do frasco contendo a água benta sobre o rosto de Jacinta, enquanto proferia, em tom solene:

– Saia deste corpo, Gadabra-Drabyathylon! Em nome de Deus, saia!...*Eu te ordeno!* Em nome de Júpiter, pai dos deuses, eu te conjuro! *Te vigo cosilin!*

Jacinta ficou com o semblante circunspecto e sentou-se sobre o leito. Fitou-me por um momento. Depois soltou uma gargalhada estridente e sarcástica que retumbou no silêncio do quarto. Era uma gargalhada insana, quase como o som de uma hiena enlouquecida.

– Patética criatura! Não vai ser essa água benta que vai me tirar de dentro desta virgem! Água benta para Gadabra-Drabyathylon é apenas a urina do tal Cristo de vocês, humanos!

Dei-lhe, desta vez, um soco no rosto de Jacinta que a fez cair de vez na cama. Ela começou a chorar. Eu me arrependi e comecei a acariciar seus cabelos, pedindo-lhe desculpas.

– Oh, meu Deus, o que foi que eu fiz!...Jacinta perdoe-me, meu anjo atormentado! Perdoe-me, *meu amor...*

Ela parou de chorar e me fitou:

– Oh, me ajude, senhor Rogério!...Ele está me comendo por dentro, ele está me corroendo como ácido por dentro! *Está me derretendo por dentro com o fogo do Inferno!...*

Beije-lhe a testa.

Ela subitamente fez uma careta e esticou sua língua para fora, uma língua que esticou-se tanto que chegou a medir meio metro!...A língua procurou minha boca com a intenção de me dar um beijo lascivo, mas eu consegui me desviar. Notei que na língua dela havia uma quantidade de pequenos vermes pululando! Deus todo poderoso, o que estava acontecendo com Jacinta? Que era aquilo tudo, afinal?

Enfurecido, indignado, busquei em minha maleta o apetrecho que eu deixara para o caso de última necessidade. Era um aparelho que eu mesmo inventara. Lembrava uma lanterna, no formato. Só que ao invés de luz o aparelho emitia um som muito agudo junto com uma quantidade ínfima de raio laser e raios eletromagnéticos, os quais, unidos, afetariam ou fariam vibrar – pelo menos eu acreditava – todo o cerne da glândula pineal de Jacinta, despertando-lhe ou abrindo-lhe de algum modo à consciência espiritual. Eu chamava esse aparelho de *Catalisador Esotérico Vibracional*, e seria a primeira vez que eu iria testá-lo!

O demônio ou divindade antiga dentro de Jacinta indagou através da voz da jovem:

– Que droga é essa daí, seu sacana? Um *vibrador* para usar em Jacinta? Estou gargalhando com tudo isso! É bem a sua cara, esse treco!

Imediatamente acionei com raiva o botão do aparelho. Um jorro de energia eletromagnética mesclada ao raio laser atingiu a cabeça da jovem que gritou loucamente como se atravessada por uma eletricidade infernal.

A senhora Zulmira de Castro entrou quarto adentro, apavorada, querendo saber o que estava acontecendo. O senhor Valdemar a seguiu, os olhos arregalados, sempre se persignando.

A coisa horrenda dentro de Jacinta falou sempre num tom gutural e diabólico:

– Você me paga, seu maldito! Está conseguindo me tirar de dentro desta vagabunda, aqui! Se não posso mais me hospedar no corpo desta virgem, vou matá-la! Entendeu? *Vou matar esta vagabunda!*

A pobre senhora Castro, apavorada, enlouquecida, começou a gritar.

A casa toda começou a tremer, como que abalada por um terremoto do Inferno. Os móveis balançavam, as paredes tremiam e começaram a surgir misteriosamente pequenas chamas nos cantos da casa que logo se alastraram como pequenos demônios ígneos até alcançarem as cortinas.

Jacinta emitia guinchos horripilantes, gritos terríveis, medonhos. Valdemar, apavorado gritava junto com a senhora Castro.

Da boca de Jacinta jorrou uma grande e forte quantidade de vômito fétido e quente que me atingiu no rosto, emporcalhando-me todo.

Era um verdadeiro pandemônio do Inferno, o quarto, e eu estava ali, dentro daquele caos demoníaco!

Subitamente, o corpo de Jacinta começou a tremer, caído sobre o leito, como que num ataque epiléptico de proporções inacreditáveis.

Então de repente seu corpo parou, ficando rígido como um cadáver. De súbito todo o seu corpo começou a derreter como sorvete ao sol do verão, as carnes derretendo como que atingidas por um fogo selvagem e invisível, até só sobrarem os ossos da infeliz Jacinta, bem como suas vestes manchadas de sangue, fezes e urina.

A senhora Castro não suportara aquela visão dantesca. Ataque cardíaco fulminante. O senhor Valdemar perdera o juízo para sempre. Estava caído ao chão, em estado catatônico, os olhos arregalados de um pavor que não vinha deste mundo, mas do outro, das esferas negras e abissais dos confins amaldiçoados do Inferno!

E de repente, dos restos pútridos, fumegantes e derretidos daquilo que outrora tinha sido a jovem Jacinta, evaporou-se uma forma horrível e aparentemente etérea e fosforescente que, como um pequeno cometa, disparou pelo quarto, estilhaçando a janela e perdendo-se na escuridão da noite.

Eu, boquiaberto e trêmulo, com o meu Catalisador Esotérico Vibracional na mão, ainda pude ouvir um som que mais parecia um grito medonho saído das cavernas do além.

“Eu, Gadabra-Drabyathylon voltarei em breve para te matar, Rogério, seu porco miserável do lodo da Terra!”

Peguei a minha valise e saí correndo dali, daquela casa de loucura e medo que então já ardia totalmente, engolida por chamas vorazes que bailavam ao sabor do vento como bailarinas do Inferno, enquanto trovões assustadores e relâmpagos sinistros se aproximavam cada vez mais.

3

E agora, de volta a minha casa, esperando pela chegada da Polícia, penso no que direi. Enviei o e-mail ao meu advogado e amigo, na capital. Mas acho que é tarde demais. Sim, é muito tarde para tudo. Não há mais nada a fazer. Já ouço ao longe a sirene do carro da Polícia. Na certa pensarão que fui eu quem matou Jacinta com meu Catalisador Esotérico Vibracional. Pensarão que fui eu quem ateou fogo à casa. Algum vizinho idiota deve ter me visto sair correndo da casa em chamas e telefonou para a Polícia.

Alguma coisa me diz que se eu for para trás das grades, até lá o maldito Gadabra-Drabyathylon irá me pegar. *Maldição do Inferno!* Não tenho mais saída!

Então pegarei o revólver dentro do armário. Descerei a escada do sótão correndo. Irei até a frente da minha residência.

Está chovendo muito, agora. Trovões, relâmpagos. Frio. Muito frio. Um vento sul gelado. Estou desesperado e enlouquecido.

Colocarei o cano da arma debaixo do meu queixo e murmuro, antes de apertar o gatilho:

– Ó Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim!...

Antes de morrer para este mundo por certo ouvirei o estampido soando junto com o trovão selando minha sorte e meu destino. Que Deus tenha misericórdia de minha pobre alma atormentada!

